

COMUNICADO DE IMPRENSA

Lisboa estabelece as bases de uma Aliança Marítima Global de trabalhadores contra a automatização

- O movimento sindical marítimo internacional acorda uma folha de rota comum para enfrentar os desafios tecnológicos e proteger o emprego portuário
- A Cimeira de Lisboa consolida a cooperação e dá origem a uma Aliança Marítima Global por um futuro do trabalho justo e sustentável

Lisboa, Portugal - 6 de novembro de 2025

Após dois dias de sessões, a conferência internacional **“People Over Profits: Anti-Automation”**, organizada conjuntamente pelo **Conselho Internacional de Estivadores (IDC)** e pela **International Longshoremen’s Association (ILA)**, concluiu-se hoje no **Pavilhão Carlos Lopes**, em Lisboa (Portugal), com a apresentação do **Documento de Resoluções da Cimeira de Lisboa**, um texto que reflete a posição comum do sindicalismo marítimo mundial face à automatização e estabelece um quadro histórico de coordenação e ação global.

O encontro reuniu centenas de representantes sindicais de mais de 60 países, juntamente com dirigentes, académicos e especialistas do setor marítimo e portuário, num exercício sem precedentes de unidade internacional.

Um apelo global face à automatização

Durante a abertura, o presidente da ILA, **Harold J. Daggett**, advertiu que a automatização constitui “um ataque total à nossa própria existência” e apelou à formação de uma **Aliança Marítima Global** capaz de responder coletivamente a qualquer tentativa empresarial de substituir trabalhadores por tecnologia. “Se alguma empresa decidir implementar automatização destruidora de empregos em qualquer porto cujos trabalhadores façam parte desta nova aliança, enfrentá-la-emos com uma greve global de três a quatro semanas”, afirmou.

Em representação do IDC, **Dennis A. Daggett**, vice-presidente executivo da ILA e coordenador-geral do IDC, iniciou a sua intervenção com uma homenagem ao sindicato português **SEAL**, cujo exemplo de quatro anos de greve “representa a essência mesma da resistência portuária”. Recordou que a ILA “nunca esqueceu a solidariedade do SEAL durante as negociações do acordo-quadro de 2012” e sublinhou que “os estivadores não recuam e nunca se rendem, nem em Lisboa, nem em Nova Iorque, nem em qualquer porto do mundo”.



Advertiu ainda que a automatização não pretende modernizar os portos, mas eliminar os profissionais para aumentar os lucros, repetindo os erros do passado sob um novo disfarce tecnológico. “Não somos contra a inovação, somos contra o seu uso para nos apagar do mapa”, afirmou, denunciando também os efeitos devastadores que a automatização parcial ou total já teve sobre o emprego e as comunidades portuárias em diversos continentes.

Da resistência à coordenação internacional

Por sua vez, **Jordi Aragunde**, coordenador laboral internacional do IDC, considerou o encontro de Lisboa um ponto de viragem para o movimento sindical marítimo global. Na apresentação da folha de rota para a **Aliança Marítima Global**, destacou que a Cimeira simboliza a passagem da resistência à coordenação, das lutas locais à estratégia global. “Durante demasiado tempo as empresas falaram a uma só voz. A partir de hoje, nós também o faremos”, afirmou.

Aragunde defendeu a criação de uma estrutura sindical internacional permanente que permita atuar com rapidez, unidade e eficácia perante os desafios tecnológicos, e sublinhou que a resposta dos trabalhadores deve ser abrangente, combinando ação política, resistência jurídica, comunicação pública e solidariedade global. “Se a estratégia deles é global, a nossa também deve ser. Onde houver um porto, haverá um sindicato organizado, e onde houver um trabalhador ameaçado, haverá solidariedade internacional”, concluiu.

Contributos técnicos e visão de futuro

O segundo dia da Cimeira reuniu oradores de referência internacional que apresentaram análises técnicas e económicas sobre o impacto da automatização no emprego, na eficiência portuária e na sustentabilidade do sistema marítimo. **O Dr. Sergi Saurí Marchán**, diretor do **CENIT-UPC**, analisou as tendências tecnológicas nos portos e demonstrou o impacto socioeconómico da utilização das novas tecnologias.

O Dr. Fernando González Laxe, professor de Economia Aplicada na Universidade da Corunha e ex-presidente dos Portos do Estado (Espanha), abordou os riscos da concentração empresarial no transporte marítimo e defendeu a função pública do porto como motor de coesão económica e territorial.

O Dr. Greig Taylor, académico da Universidade de Wollongong (Austrália), examinou os modelos de relações laborais em ambientes automatizados e sublinhou que a participação sindical é essencial para garantir que a tecnologia não enfraqueça os direitos coletivos.

A sessão foi inaugurada por um discurso especial de **Gary Herrera**, presidente do **Local 13 da ILWU** em Los Angeles – Long Beach (EUA), que reafirmou a vontade dos



estivadores norte-americanos de manter uma linha comum de ação com o movimento internacional na defesa do emprego portuário.

Durante a primeira jornada, a Cimeira contou ainda com um painel moderado por **Sergio Sousa**, do sindicato português SEAL, com a participação de líderes sindicais dos Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, Chile, Itália, Angola e Reino Unido, que partilharam experiências e estratégias face à automatização. A sessão permitiu confrontar realidades locais e fortalecer as bases de uma coordenação global perante os desafios tecnológicos.

O Documento de Lisboa: compromisso e quadro de ação global

O ponto culminante do encontro foi a apresentação do **Documento de Resoluções da Cimeira de Lisboa**, sob o título “Proteger o emprego, as comunidades e a negociação coletiva face à automatização destruidora”. Este texto, adotado como posição comum do movimento sindical marítimo internacional, declara a rejeição pelos sindicatos de qualquer processo de automatização que implique perda de emprego ou violação de direitos, reafirma a negociação coletiva como ferramenta essencial para regular as mudanças tecnológicas e estabelece o compromisso dos estivadores e trabalhadores marítimos de todo o mundo em atuar de forma unida e coordenada perante a imposição de terminais automatizados sem consentimento sindical.

O documento, assinado em Lisboa a 6 de novembro pelos principais representantes das entidades organizadoras, juntamente com as organizações sindicais presentes e representadas, prevê a criação de uma rede internacional permanente de coordenação sindical, o desenvolvimento de ações conjuntas em defesa do emprego e a convocação periódica de novas edições da **“People Over Profits: Anti-Automation Summit”** a cada quatro anos para avaliar os progressos e atualizar as estratégias.

O **IDC** e a **ILA** concordam que o objetivo não é travar o progresso tecnológico, mas redefini-lo numa perspetiva humana e sustentável. Os portos do futuro devem ser modernos, verdes e eficientes, mas centrados nos profissionais que neles trabalham. Como afirmou **Jordi Aragunde** no encerramento da sua intervenção, “o futuro dos portos não pode ser construído contra os trabalhadores, mas com os trabalhadores”.

A **Cimeira de Lisboa** encerra assim consolidando uma nova etapa de unidade e ação internacional para os trabalhadores marítimos e portuários de todo o mundo, com o compromisso de que a tecnologia, o emprego e a justiça social avancem juntos.

URL: <https://www.idcdockworkers.org/lisbonsummit/>

